

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

A inquietação literária e o olhar científico: o método de Antonio Candido diante da incógnita de Caramuru

Examinar não apenas a influência do meio social sobre a obra de arte, mas principalmente o reflexo da obra sobre o meio parece ser a principal direção dos textos reunidos por Antonio Candido em **Literatura e Sociedade**, publicado pela primeira vez em 1965, mas peculiarmente atual. Nos ensaios que compõem o livro, nota-se, sobretudo, a preocupação de averiguar a realidade social como componente da estrutura literária – e a constatação de que conhecer a fundo essas estruturas significa também conhecer a história que a literatura ajuda a construir.

Considerar a tônica de toda a obra é importante para que possamos nos deter no capítulo que encerra a compilação de investigações. Após lançar ideias que gravitam em torno da atemporalidade e da universalidade da obra literária; de repensar a função social e ideológica do literário; de tocar na intrínseca relação entre produção artística, autor e público; e de tentar determinar em que medida a arte é expressão da sociedade e se propõe a descortinar seus problemas, Candido nos reserva um capítulo que materializa a consciência que rege seus pensamentos, “Estrutura literária e função histórica”. Ao por à prova os fundamentos teóricos de que trata especialmente na primeira parte do livro, expõe nas páginas finais uma profunda consciência também de seu método científico, no qual se concentra esta reflexão.

Intitulado “Estrutura literária e função histórica”, o capítulo final nada mais é do que uma investigação acerca de um tema instigante: o papel da obra **Caramuru**, de Frei José de Santa Rita Durão, na genealogia do caráter nacional da literatura brasileira. A referência básica de Candido é a estrutura. É a partir dela que ele desencadeará uma investigação histórica, e não o contrário, como seria mais cômodo pensar. Dentro da temática da investigação podemos constatar, desta forma, uma preocupação em integrar referências literárias às extra-literárias, acentuando o relevo da estrutura.

O autor não se demora a expor o problema que guia sua investigação – e tem-se um problema que contempla inteiramente os pressupostos referidos por Bunge (apud SANTAELLA, L.; VIEIRA, J., 2008, p.128). A saber, seu problema é uma dificuldade que não pode ser resolvida imediatamente. E é também uma pergunta verdadeiramente

interrogativa, que requer experimentação, seja ela conceitual ou empírica. Em suma, o que Candido deseja descobrir é: como e por que a obra de Durão adquiriu, somente quase meio século depois de seu lançamento, um “papel eminente na definição do caráter nacional” da literatura brasileira?

Refinando essa dúvida e considerando os referenciais que precedem o capítulo, é possível identificar uma proposição ainda mais específica: o que, na estrutura da obra, foi capaz de mantê-la viva – entre seu lançamento, no ano de 1781, em Portugal, e o apogeu do romantismo no Brasil – a ponto de ser alçada a uma posição nobre à qual foi recusada, de início?

Partindo desse problema inicial, Candido imediatamente lança uma hipótese, ou seja, produz uma alternativa que, preliminarmente, parece razoável para responder à questão: a função histórica ou social de uma obra depende de sua estrutura literária. E, por conseguinte, sugere que as características estruturais de **Caramuru** “permitiram submetê-lo a um duplo aproveitamento, estético e ideológico, no sentido das tendências nacionalistas e românticas.” (CANDIDO, 1965, p. 206). Essa hipótese, que será comprovada adiante no texto de Candido, é baseada na possibilidade de os românticos terem “composto” uma literatura para o passado brasileiro.

A partir desse ponto, o autor desmembra o problema principal em “sub-problemas”, ou perguntas cujas respostas são essenciais para a continuidade da investigação. Assim, Candido se propõe a descobrir em que consistiu a participação da obra nos antecedentes do movimento genealógico dos românticos; quais das características do livro se ligam a esse movimento; e por que, por quem e como **Caramuru** foi utilizado em um sentido ideológico.

E, se cria subproblemas, Candido também vê surgirem mais hipóteses de trabalho. Ele não se limita a sugerir que a função histórica depende da estrutura literária, mas também propõe que a estrutura repousa sobre certas representações mentais condicionadas pela sociedade e, ainda, vislumbra uma variação histórica da função da obra ao longo do tempo, considerando a posteridade que o livro suscita.

É válido observar que esse desmembramento de sub-problemas e sub-hipóteses não só é coerente com o problema principal como também é abarcado por ele. Isso faz com que Candido em momento algum perca seu foco, ainda que se permita considerar elementos aparentemente externos à sua pesquisa e não feche os olhos para o imprevisível.

O autor, é importante ressaltar, justifica sua pesquisa ao fazer um levantamento do estado atual da questão – ou seja, ao averiguar se o problema faz mesmo sentido e, ainda,

se já não foi solucionado. Candido busca respaldo nas constatações dos autores que se debruçaram sobre seu objeto de estudo e sobre a questão da genealogia literária brasileira, especialmente.

Assim, vai às fontes primárias para afirmar com segurança que houve um esforço genealógico do século XVIII e que o poema de Durão está incluído numa tentativa de dar dignidade à tradição brasileira. Considera, para tanto, obras que refletem a necessidade de destacar as raízes locais ou a consciência de uma nova classe, fortalecida no momento pré-independência, tais como a **História da América Portuguesa**, de Sebastião da Rocha Pita, **Nobiliarquia Pernambucana**, de Borges da Fonseca, e **Nobiliarquia Paulistana**, de Pedro Taques.

Também recorre a autores que se dedicaram ao estudo de **Caramuru**: Varnhagen, cita Candido, reconheceu a natureza combinada entre branco e índio na figura do protagonista Diogo-Caramuru – ambigüidade que terá papel decisivo na solução do problema levantado inicialmente na pesquisa. Costa e Silva, por sua vez, relatou o surgimento de um interesse renovado dos românticos pelo poema de Durão, conforme pesquisou Candido.

O autor recorre, ainda, aos diferentes nomes do romantismo que caracterizaram **Caramuru**, assim como **Uruguai**, de Basílio da Gama, “como encarnação do espírito particularista e nacional, que os românticos desejavam a todo custo vislumbrar no passado” (CANDIDO, 1965, p.228). A saber, esses autores eram José de Alencar, Álvares de Azevedo e Araújo Porto Alegre, para ficar apenas em alguns exemplos. De autores franceses como Denis e Monglave, o pesquisador extraiu a constatação do caráter paradigmático da obra, o que também embasou sua investigação.

Candido faz um interessante trabalho de análise e síntese ao recuperar as ideias sobre seu tema e refletir sobre elas, sempre avançando. Mas não se limita a isso. Em seu método de trabalho, ele comprova a lacuna existente entre as diferentes recepções críticas às quais **Caramuru** foi submetido num espaço de meio século. Para tanto, faz uma análise cronológica das edições do poema, constatando uma progressão geométrica das edições com o passar do tempo: nos primeiros 55 anos, não foi feita mais que uma edição do livro, em Lisboa; mas esse número subiu para quatro nos 42 anos seguintes, de 1836 a 1878 (não por acaso, período de efervescência romântica).

Evidentemente, o tratamento que Candido dá ao seu corpus de pesquisa – o livro de Durão – obedece a critérios condizentes com seu problema e sua hipótese inicial. Pois, se parte do pressuposto de que a estrutura determina a função histórico-social da obra, nada

mais coerente do que usar o instrumental da análise com foco na maneira como o texto foi construído. O que não significa, porém, que ele não se depare com questões novas e reorganize o leque de possibilidades.

De maneira bastante simplificada, podemos dizer que Candido constata a existência de ambigüidade em três elementos presentes no texto: a colonização, a natureza e o índio. E descobre, para sua surpresa, que o princípio organizador do poema, que liga as partes e dissolve as contradições, é a religião. A fé católica impera por meio da colonização; a beleza insólita da natureza é cenário dos trabalhos de evangelização; o índio, por sua vez, representa o gérmen da plenitude. O branco Diogo, metade transformado em índio Caramuru, aparentemente se integra aos nativos, mas é verdade que isso só ocorre porque ele intervém nos costumes, e interpreta as “boas” características dos indígenas como reflexos atenuados de seus próprios valores e crenças.

E é ao demonstrar, a partir da análise da estrutura, que a obra pode ser vista tanto como expressão do triunfo português sobre o povo colonizado, como retrato das posições particulares do povo americano, que Candido revela o caráter ambíguo que permitiu o reaproveitamento do livro pelo romantismo, especialmente em sua faceta indianista. Ou seja, ele comprova logicamente suas hipóteses, sem lançar mão de dogmas sociológicos ou de retórica.

Então poderemos concluir que Candido cumpriu seu propósito de pesquisa em todas as etapas previstas, desde a elaboração correta de uma problemática à escolha coerente das hipóteses, passando pelo experimento e voltando ao ponto de partida com uma resposta consistente. Ainda que não seja completamente exequível em sua plenitude pelos investigadores que o sucedem – e que não se mostre tão eficaz em outras pesquisas – o método de Candido para desvendar o problema central de **Caramuru** na historiografia não deixa de ser um guia. Pois é um método que serve como mostra de que é possível (e desejável) criar procedimentos mentais mais elaborados do que a crítica pura e a retórica, de modo que a lógica impere no desafio de conhecer melhor as intrincadas relações que regem as ciências humanas.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

SANTAELLA, Lúcia e VIEIRA, Jorge Albuquerque. **Metaciência como guia de pesquisa:** uma proposta semiótica e sistêmica. São Paulo: Mérito, 2008.

Mariana Faraco
Mestranda
Programa de Pós-Graduação em
Literatura e Crítica Literária – PUC-SP